

TRABALHO MANUAL E FORMAÇÃO INTELECTUAL: AVANÇOS E RETROCESSOS NOS CONVENTOS FRANCISCANOS DO BRASIL NO PERÍODO DA RESTAURAÇÃO

Paula Ruas Ferreira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: paularuas@yahoo.com.br

Ana Palmira B. Santos Casimiro

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: apcasimiro@oi.com.br

Alvaci Mendes da Luz

Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP (Brasil)

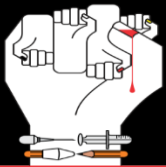
Endereço eletrônico: alvaci@gmail.com

2858

INTRODUÇÃO

Historicamente, após a chegada dos restauradores alemães, antes do Concílio Vaticano II, vieram acompanhadas de diversos desafios relacionados às formações acadêmicas e não acadêmicas, dos frades franciscanos, no interior dos conventos da Bahia e de Pernambuco, da Província de Santo Antônio do Brasil. Nesse contexto, o conceito de “formação”, pressupõe a educação franciscana tanto dos conteúdos básicos administrados nas escolas da Ordem Franciscana, para os “postulantes” e “noviços”, como os estudos obrigatórios sobre franciscanismo, filosofia e teologia, tidos como indispensáveis para o ordenamento sacerdotal. Assim, as memórias dos frades de várias gerações que conviveram no claustro do Convento até então, foram fundamentais.

Essa formação foi composta pelo aprendizado das orações; pela teoria e prática na convivência em comunidade; pelo conhecimento das normas internas da casa; pela Regra da Ordem; os Estatutos; estudos e práticas profissionalizantes; bem como os demais conhecimentos específicos dos franciscanos e outros mais pertinentes à Igreja Católica. Essa pesquisa tem por objetivo investigar a formação pedagógica dos frades franciscanos no Brasil, bem como verificar os seus avanços e retrocessos durante o período de restauração.



METODOLOGIA

O desenvolvimento desta pesquisa foi fundamentado em campo documental, com coleta, descrição e análise da documentação primária da Ordem; e, no campo empírico, mediante a vivência, observação e entrevistas semiestruturadas com os próprios sujeitos da Ordem. Por meio das referências teóricas, da documentação e dos depoimentos coletados de entrevistas semiestruturadas, foram realizadas análises acerca das relações de poder e hierarquização dos frades, buscando respostas sobre o modelo formativo adotado pelos franciscanos, em sua totalidade, e sobre a permanência dos valores pedagógicos dos restauradores alemães na Província de Santo Antônio, mais precisamente nos Conventos da Bahia e Pernambuco.

2859

RESULTADOS E DISCUSSÃO

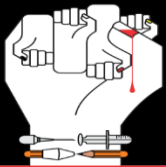
A chegada dos frades alemães nas províncias brasileiras perpassou o período mais crítico da história e da memória do franciscanismo no País, devido a conflitos acirrados durante transição do Brasil Império para o Brasil República. Momento no qual os frades chegantes se deparam com uma realidade social, política e cultural muito conturbada. Os religiosos alemães, eram, na maioria, jovens e adolescentes, que se dispuseram a restaurar as províncias franciscanas, vieram, sobretudo, para garantir a sobrevivência da Igreja frente à crise que antepunha Igreja e Estado no Brasil. Assim, não vieram ao Brasil só por solidariedade, mas, com a intenção de se fortalecerem, em obediência às ordens papais. Aqui, transformaram as casas religiosas, ora decadentes, em novas fortalezas, amparados pela disciplina e pelo rígido padrão da formação alemã. Desse fato, podemos extrair que tal formação obtivera características predominantemente alemãs, destinadas aos frades cuja responsabilidade seria a de restaurar as províncias do Brasil, com docentes preparados nos seminários alemães, especialmente para essa causa. A História relata que, logo após o tempo de Francisco, a Ordem iniciou a distinção entre frades leigos e clérigos, os frades leigos vão ser os que servem, e os clérigos vão ser aqueles que são servidos, e isso vai permanecer até o Concílio Vaticano II (1963). Até então, a formação dos frades no Brasil era diferenciada, uma vez que, para o frade que se destinava a ser sacerdote, exigiam-se os cursos superiores de Teologia e Filosofia, ministrados dentro dos próprios Conventos da Província. Por outro lado, para o frade leigo (frade não sacerdote), não era exigida a

Realização:



Apoio:

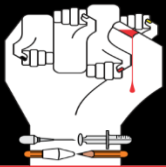




formação superior, exceto a formação de espiritualidade franciscana, aulas, normas, orações e obediência à Regra. Com isso, permaneceu nos interiores dos claustros o sistema de hierarquia, onde o frade ou “iletrado” passava a ser servo do frade “letrado”. É importante ressaltar que, o negro, nesse período em foco, nem era admitido nos conventos. Nessa conjuntura, o frade leigo passou a servir aos frades sacerdotes, que estavam ocupados nos estudos e nas atividades litúrgicas, nos altares e nas atividades pastorais, enquanto que os frades não clérigos, permaneciam anônimos, apenas nas atividades internas do convento como subalternos (a prática de senhor e servo), herança de um Brasil escravocrata, com a mesma prática (mais amenizada por não existir mais castigos), porém, com o mesmo discurso ideológico. Nessa realidade é possível observar que, para ser frade leigo exigiam-se as três categorias: Suportar, Renunciar e Trabalhar:

[...] A primeira lei deve ser: Suportar uns aos outros com paciência caridosa e com caridade paciente. Cada um deve repetir de continuo: “eu tenho defeitos e singularidades — que os outros devem suportar com paciência[...]. Renunciar! Espíritos teimosos, arengueiros e egoístas absolutamente não servem para a vida religiosa. Só quem sabe renunciar à própria vontade, quem sabe curvar a cabeça e aceitar qualquer ordem dos superiores, por mais incomoda que seja, só esse subirá ao cume da perfeição religiosa, só esse alcançará a paz e a tranquilidade da alma [...] O terceiro sacrifício é trabalhar! Trabalhar, pois, no posto em que Deus te colocou por seus representantes, os superiores. — o homem nasceu pra trabalhar, como a ave para voar — trabalhar não por egoísmo, mas, não para que se te queime um grãozinho de incenso no altar do próprio Eu, segundo essa norma: Oh meu Deus, tudo para vós, e nada para mim! Desde a manhã até à noite, tudo só por amor de Deus. Só Deus e nada fora dele! —Será esta a minha vida religiosa. (BIERBAUM, 1931, p.6,7,8).

O que mais chama atenção nesses relatos é a ênfase que se dá ao trabalho subalterno do claustro e à servidão aos seus superiores (os frades sacerdotes) o que se justificava na ideia de trabalhar para Deus. Essa divisão reforçava a ideia de que todo frade leigo deveria trabalhar, pois, essa era a condição de vida no claustro. Percebe-se que o seu interior funcionava como uma extensão do mundo lá fora, como um mercado de trabalho que recrutava jovens com diversas aptidões para o “mercado interno” afirmando para os mais humildes que o cansaço seria amenizado pelas orações e recreio e deixando claro que esse tipo de vida seria para o frade leigo. Tal leitura era reforçada pela interpretação da Regra Franciscana de forma equivocada e intencional. No momento em que escolhiam os jovens para serem admitidos aos conventos um dos



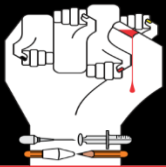
primeiros requisitos era a aptidão para o trabalho, conforme relato das fontes documentais: “Vem com a firme vontade de cumprir o programa de São Francisco: “Quero trabalhar” – jamais te arrependerá, principalmente no leito da morte, de teres tornado fervoroso irmão leigo na Ordem de Francisco (BIERBAUM, 1931, p.30). Além disso, reforçavam o poder pela persuasão da palavra que se pregava nas missas. O que se relata abaixo está exclusivamente destinado aos frades leigos, tratados de apóstolos:

Apóstolo irmão é o jardineiro, que não cessa de trabalhar, dia a dia, silencioso e infatigável. Apóstolos são todos os irmãos cozinheiros, alfaiates e marceneiros, que trabalham para o bem dos irmãos. Apóstolos são todos os irmãos do convento pelo exemplo da oração, do amor desinteressado e da felicidade a toda prova. Apóstolos são eles verdadeiramente indispensáveis, ajudando aos padres na cura das almas por suas orações e sacrifícios, suas comunhões e boas obras. (BIERBAUM, 1931, p. 32, 33).

2861

É perceptível um discurso retórico que reforça, em nome de “Deus e dos apóstolos”, a ideia de recrutar jovens para serem irmãos leigos e exercerem um trabalho manual. Em nenhum momento fala-se da formação intelectual, pois a Ordem havia perdido a consciência de igualdade apregoada por Francisco. Apenas pensavam nas aptidões de trabalho aos quais eram destinados os mais humildes. Assim, para manter “materialmente” a vida dos religiosos os clérigos dependiam da força de trabalho dos irmãos mais simples e conseguiam isso mantendo tal ideologia subjetiva de que iriam “trabalhar para Deus”. Enfim, além dos votos de obediência, pobreza e castidade acrescentou-se mais um voto: Trabalho! Exigência necessária para participar desse grupo específico na sociedade brasileira. Uma das perguntas essenciais para entrar na vida religiosa era esta: “Estaria eu pronto para oferecer-me de todo coração, a Deus como holocausto para servir só a ele em pobreza castidade e obediência, trabalhando só por teu amor” (BIERBAUM, 1931, p. 40).

É visível o modo como o sistema da sociedade na época penetrou e modificou os princípios desta ordem religiosa, que, inicialmente, pretendia imitar os ideais do fundador na sua face de pobreza, mas, contraditoriamente, o modo de vida preconizado por São Francisco passou a espelhar as relações sociais extramuros e a acatar discursos ideológicos, sugerindo relações de submissão, cujo sentido, por vezes, era acentuado pela genuflexão. A esse respeito, Halbwegs (2003, p.15) afirma que, Religiões, atitudes políticas, organizações administrativas carregam consigo dimensões temporais e “históricas” que são outras tantas projeções voltadas para o passado e para o futuro e



correspondem aos dinamismos mais ou menos intensos e acentuados dos conjuntos humanos. Pela afirmação do autor citado, e por meio da entrevista concedida por Frei Hugo Fragoso (2015), é possível compreender o tipo de segregação e projeções na questão da formação entre leigos e clérigos:

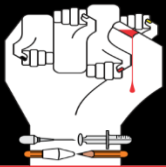
Havia uma grande diferença de valores, a palavra "irmãos" veio chocante, porque significa inferioridade. Os padres tinham que viver como quem está num degrau superior. E o leigo, por ser leigo, era inferior. Pensa aí? Fazia as coisas de ser leigo, porque tinha passado a idade, naquele tempo, de entrar no seminário para ser padre. Depois que o Vaticano abriu as portas, eles foram fazer a Teologia e se ordenaram. Mas há uma grande diferença, relembro com tristeza a diferença de valorização deles. (FRAGOSO,2015).

2862

A partir do depoimento acima e se tratando da formação que o próprio entrevistado recebera no período da restauração alemã, observamos é a evidência da segregação entre o frade leigo e o frade clérigo. No depoimento Fragoso, observou-se que a memória não se apoia somente na história aprendida, mas, sobretudo, na história vivida. Assim, compreende-se, a partir do relato acima e, parafraseando Halbwachs (2013), que a condição necessária para que exista a memória é o sujeito que lembra individualmente ou em grupo, e tenha a sensação das lembranças que se traduzem no movimento contínuo, porém, não retém do passado senão o que ainda está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que mantém tal memória.

CONCLUSÕES

Os estudos sobre essa dualidade de inclusão e exclusão quando se refere à formação entre o frade leigo e clérigo, como também, outras memórias de frades na atualidade, corroboram com os fatos históricos sobre esses religiosos advindos da Alemanha para instruírem os franciscanos do Brasil no processo de restauração da Província. Entretanto, o conhecimento adquirido, intelectual e manual contribuiu para o desenvolvimento econômico, social e cultural da sociedade do Nordeste. A renovação da vida religiosa, resultante do Concílio Vaticano II, reconduziu os frades à forma de vida preconizada por Francisco de Assis, com mudanças paulatinas permeadas por relações de poder que prevalecem nos interiores dos Conventos franciscanos.



PALAVRAS-CHAVE: Formação. Frades franciscanos. Relações de Poder. Convento. Restauração.

REFERÊNCIAS

BIERBAUM, Frei Athanasio. **O irmão leigo franciscano. Apelo aos jovens de boa vontade.** Tradução por um religioso da mesma ordem. A cruzada: Curitiba, 1931.

DOCUMENTOS. **Regra e constituições gerais da Ordem dos Frades Menores.** Nº 8: São Paulo, 1988.

FRAGOSO, Frei Hugo -, OFM. **Entrevista concedida no Convento São Francisco de Salvador** em 06/09/2015.

FRAGOSO, Frei Hugo -, OFM, **Cadernos da Restauração da Província Santo Antonio do Brasil.** Nº de 1 a 3, Edição da Província Franciscana, Salvador-Ba. Impressos nas escolas Salesianas, 1991, Salvador- BA.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

SACROSSANTUM CONCILIIUM. **Documentos do Concilio Ecumênico Vaticano II.** Paulus: São Paulo, 1997.

2863

Realização:



Apoio:

